



DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p149-162

VOZES-MULHERES EM TRAÇOS POÉTICOS E ESCREVIVÊNCIAS

VOICES-WOMEN IN POETIC GESTURES AND *ESCREVIVÊNCIAS*

Maria Nazareth Soares Fonseca ¹

Recebimento do texto: 10/05/2020

Data de aceite: 08/06/2020

RESUMO: O texto se estrutura com referências a poemas da escritora brasileira Conceição Evaristo para, a partir deles, discutir estratégias de encenação de vozes femininas negras que enfrentam, no campo da literatura afro-brasileira, as interdições impostas ao sujeito-mulher-negra, ao longo da história da diáspora africana até os dias atuais. Ao mesmo tempo, procura demonstrar que o conceito de “*escrevivência*”, cunhado por Evaristo, exprime um gesto escritural da força transgressora que já se anunciava em ações desenvolvidas por mulheres negras, ao longo da presença africana no Brasil escravocrata.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Conceição Evaristo; *Escrevivência*.

ABSTRACT: The text is structured with references to poems by the writer Conceição Evaristo in order to discuss strategies for the staging of black female voices that face, in the field of Afro-Brazilian literature, the interdictions imposed on the subject-black woman, throughout the history of the African diaspora to the present day. At the same time, it seeks to demonstrate that the concept of “*escrevivência*”, coined by Evaristo, expresses a scriptural gesture of the transgressive force that was already announced in actions developed by black women, throughout the African presence in slavery Brazil.

KEYWORDS: Poetry; Conceição Evaristo; *Escrevivência*.

¹ Doutora da UFMG e pesquisadora do CNPq. E-mail: nazareth.fonseca@gmail.com



Início este texto retomando um poema de Conceição Evaristo em que a voz poética conclama um coro de vozes para com elas revolver experiências de vida de mulheres negras e o legado deixado por elas. Ao lermos o poema “Vozes-mulheres”², percebemos a intenção do eu lírico de criar uma linha do tempo para destacar histórias que, identificadas como sendo da bisavó, da avó, da mãe e mesmo do sujeito feminino que se constrói no poema, fazem-se relatos dos que viveram a escravidão e dos que continuam a ser estigmatizados pelas sequelas deixadas por ela, em países como o Brasil. O sujeito feminino que se enuncia no poema assume a saga da bisavó, trazida na África “nos porões do navio” negreiro, e também a história da avó e da mãe, marcadas pela obediência a senhores e a patrões “brancos donos de tudo”.

Os versos do poema permitem concluir que, no Brasil, a segregação continua a ser legitimada pela origem, pela classe e pela cor da pele dos indivíduos. Isso fica evidente, sobretudo quando, metaforicamente, ressalta-se o “caminho empoeirado/rumo à favela” percorrido pela figura da mãe.

Os versos da terceira estrofe permitem concluir que, no plano arquitetônico das grandes cidades brasileiras, os que vêm das antigas “senzalas” só podem chegar aos lugares destinados aos marginalizados e, sobretudo, aos descendentes da mão-de-obra escravizada. Por um processo criativo de grande efeito - aliás bastante comum na produção literária de Conceição Evaristo - a exclusão nem precisa ser nomeada, pois basta que

² Neste texto, todos os poemas referidos foram tirados do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008).



sejam mencionados determinados termos que a significam num panorama sócio-cultural bem definido. Por isso, são altamente significativos, no quadro de referências assumido pelo poema, termos e expressões como “porões do navio”, obediência”, “cozinhas alheias”, “trouxas”, “favela”, os quais, poeticamente, aludem a situações características de espaços demarcados por diferentes expressões da subalternidade e nos quais, como acentua Spivak (2010, p. 67), “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. A retomada de experiências vividas por mulheres negras herdeiras do horror da escravidão intencionalmente estrutura os versos e as estrofes do poema, inspirados em sagas de vidas excluídas transformadas, pelo gesto da escritora, em motivo de poesia.

Ao percorrer os caminhos trilhados por mulheres marcadas pelo trauma da escravidão ou pelas perversas sequelas deixadas por ela, o poema “Vozes-mulheres” recolhe fragmentos da memória coletiva que se misturam a experiências vividas, no presente, pelas herdeiras da trajetória da bisavó, em que ecoam os lamentos dos navios negreiros, da avó, presa aos desmandos da escravidão, e da mãe, de mãos sempre ocupadas pelas demandas dos patrões.

No processo de criação do poema, as primeiras estrofes indicam que “o espaço em branco” em que os versos são registrados é ocupado pela denúncia da determinação de silêncio que recai, sobretudo, aos “oprimidos pelo capital socializado” e que não têm, como afirma Spivak, (2010, p. 121), “nenhum acesso sem mediação à resistência”. Essa denúncia se materializa, na cena poética, principalmente na referência às únicas possibilidades de levar a vida adiante, como se mostra na trajetória



da bisavó, da avó e da mãe. Nas estrofes finais, esse sofrimento é relido como anúncio de experiências a serem vividas pelas novas gerações de mulheres negras que, ao transmutarem as histórias retomadas, deslocam a ordem de as escravizadas poderem ser significadas apenas como “peça ou coisa”, conforme lúcida constatação de Lilian Moritz Scwarcz (1996).

Essa intenção de reescrever a história das mulheres negras se manifesta na visão que o sujeito lírico feminino tem sobre sua função e a que recai sobre a geração de sua filha, a que construirá novos percursos na saga das mulheres referidas. Caberá à filha imprimir um outro tom às “vozes engasgadas na garganta”, ao silêncio imposto às vidas mal vividas de suas ancestrais. Ao aludir aos vários tempos, “o ontem - o hoje - o agora”, a voz poética costura os fragmentos de histórias e experiências vividas por mulheres negras e projeta a construção de espaços em que as feridas abertas pela exploração do corpo negro, no ontem e no hoje, possam se transformar em expressões de liberdade.

A voz de minha bisavó ecoou
 criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 de uma infância perdida.

A voz de minha vó
 ecoou obediência
 aos brancos – donos de tudo.

A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado





rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida – liberdade.
(EVARISTO, 2008, p. 10-11)

Pelo viés da poesia, o eu poético expressa as demandas de mulheres negras que decidiram caminhar por outras trilhas e reverter a sina que torna os seus corpos invisíveis e “matáveis”³, ou ainda identificáveis como força de trabalho que enriquece os “donos de tudo”.

Ao pintar esse corpo negro feminino como um corpo-história, o poema exhibe tanto os signos de sua exclusão, quanto os que anunciam uma narrativa a contrapelo a ser produzida no espaço da subalternidade, pelos sempre silenciados. Nessa escrita, o corpo-ferramenta da bisavó, da avó, da mãe, consumidos pela exigência de trabalho e pela subserviência imposta, é realçado pelos “versos perplexos” e pelas “rimas de sangue” que anunciam uma criação poética que retoma o sofrimento imposto aos

³ Utilizamos o termo a partir de Alexandre Ciconello (2015)



corpos negros e o (re)escreve em novas formas de expressão. O silenciamento da voz das ancestrais passa a produzir, então, ressonâncias que abalam as barreiras impostas pela exclusão e por um imaginário que persiste ainda nos dias atuais.

É importante observar que o poema de Evaristo não propõe fixar-se nas marcas de dor e no sofrimento presentes nas histórias da bisavó, avó e mãe. O gesto poético que dá corpo ao poema revolve o legado de angústia e lamentos para delegar às herdeiras dessas histórias de vida a força transgressora que, de certa forma, já se mostra na revolta anunciada na história da mãe, ainda que sufocada pelas exigências de trabalho imposto: “A voz de minha mãe/ecoou baixinho revolta/no fundo das cozinhas alheias.” Na alquimia da escrita poética, as “vozes mudas caladas” poderão motivar outros relatos em que se ampliarão os ecos da “vida-liberdade” (p. 11).

Os vários sentidos de “escrevivência”, termo assumido pela escritora Conceição Evaristo como marca de uma literatura que transforma as experiências vividas e as demandas de um sujeito que ainda convive com as sequelas deixadas pela escravidão estão presentes na proposta poética de conquista de liberdade. Como acentua a estudiosa Luana Barossi, “escrevivência” indica a “potência da escritura (po)ética de novas maneiras de existir que não aquelas instituídas pelo histórico escravagista e colonial, mas buscando a criação de um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência.”(BAROSSO, 2017, p. 23)

No caso específico da escrita literária de autoria negra feminina, pode-se dizer que o ato de escrever estabelecerá, no sentido que Evaristo



deu ao termo “escrevivência”, um compromisso com a história da mulher negra, revolvendo-a desde a insurgência da diáspora, desde os trânsitos em que seu corpo foi cunhado pela mais valia auferida do trabalho cobrado por seu trabalho, alias, como o exigido de todos corpos iguais ao seu. Nesse sentido, revolver as experiências vividas por mulheres negras, em tempos e espaços específicos, faz parte da intenção de denúncia que transita pelos poemas e narrativas que a escritora produz.

Como se vê no poema “Vozes-mulheres”, a trança de memórias e histórias é feita com fragmentos de experiências vividas pela bisavó, africana trazida para o Novo Mundo nos porões de um navio negreiro, e também pela avó e pela mãe, em cujas histórias estão presentes as marcas da escravização impostas aos corpos negros. Com essas experiências, a escritora tece os fios que irão construir movimentos de recuperação e ultrapassagem e em que se pode ouvir a voz do subalternizado resgatada por alguém que com ele se compactua. No espaço do poema, o coro de vozes fortalece os elos de uma corrente de afetos e solidariedade que se estende na contramão de silenciamentos, intimidações e censuras impostas às experiências vividas por negros e negras no Brasil.

A memória recolhe experiências que vão sendo registradas pela obra de Conceição Evaristo, em diferentes registros de escrita, em textos narrativos, poéticos e também críticos. Como assinala a escritora, em sua obra “a escrita e o viver se con(fundem)” no desejo de recuperar experiências de vidas que lutam contra a rejeição, o preconceito e a exclusão, sem deixar de celebrar as tradições herdadas dos antepassados africanos.



A dor não cala o gesto que se traça quase sempre a partir da vivência de mulheres negras, estendendo-se aos demais habitantes de espaços configurados por tradições e costumes herdados dos escravizados africanos e transformados em significantes do universo afro-brasileiro. As tradições herdadas dos ancestrais, os ensinamentos que passam de geração a geração ajudam a construir poemas bastante significativos para o entendimento do que Conceição Evaristo conclama em sua arte de contar, em prosa e verso. A experiência de pertencer a um grupo de mulheres reforça a sua intenção de não aceitar fazer da dor e do sofrimento o motivo único de sua vida.

As tradições herdadas dos antepassados ajudam a tecer a rede de memórias celebradas pelo poema “Do velho e do jovem” (2008, p. 51) e exhibe a intenção de vasculhar os acervos de memórias que sustentam o gesto escritural de Evaristo. Navegar pelas águas da memória possibilita reconhecer as lutas empreendidas contra os rigores da escravidão e contra o emparedamento das tradições deixadas pelos escravizados africanos na história do povo brasileiro.

No poema “Do velho e do jovem” são celebradas as experiências vividas pelos mais-velhos passadas aos jovens. O diálogo poético entre o velho e o novo celebra as marcas deixadas pelo tempo no rosto e no corpo. Os sinais impressos pela passagem do tempo são vistos como “palavras escritas na carne” que estabelecem, no poema, um significativo contraste com o “frescor da pele” estampado na face do jovem. Experiência e aprendizagem refazem os sentidos de uma história de “falas silenciadas” (p. 51) que passam a ser ouvidas nos versos de um poema que se tece, ao



mesmo tempo, com os ritmos do “velho tempo” e com os sons do *rap*, para revigorar os sentidos de palavras que conclamam a liberdade, inclusive a de criar.

Como em “Vozes-mulheres”, “Do velho ao jovem” faz referências explícitas a experiências vividas por indivíduos como Vovó Kalinda, Tia Mambene, Primo Sendó, Menina Meká, Menino Kambi “e mais e mais, outras e outros...”(p. 52), que integram a saga dos anônimos que ajudaram e ajudam a construir os sentidos a serem eternizados pela palavra liberdade.

Na mesma direção, o poema “Da velha à menina” (p. 34) celebra as heranças deixadas pelas artes do bordado e dos temperos trabalhados pelas mãos cuidadosas de mulheres negras. Diferenciando-se do poema “Do velho ao jovem”, em que a tradição de experiências a serem passadas aos mais jovens recupera vivências de homens e mulheres nomeados nos versos do poema, “Da velha à menina” retoma tradições de mulheres anônimas indicadas por referências a linhas, pontos, entrelaços e temperos para, metaforicamente, aludir a trabalhos que remetem ao traçado da vida. A experiência de viver assemelha-se ao bordado feito com “pontos mistérios” e “cruzadas linhas” e à alquimia que reside na arte praticada na cozinha. O poema extrai beleza dos sombreados, dos pontos encadeados, mas também apura-se nos ensinamentos que a velha ensina à menina sobre a arte de cozer. Bordar e cozinhar metaforizam, assim, espaços de vivências femininas, lugares em que se misturam “o real e os sonhos”. Com essas heranças, Evaristo elabora uma poética que advém do interesse pelas lembranças resgatadas pela voz e pelas histórias doadas por pessoas



que têm muito o que contar, porque conviveram sempre com a dor e com a pobreza, sem perder o gozo das pequenas alegrias que deram sentido às suas vidas.

Memórias soterradas, “falas silenciadas” e histórias rejeitadas, transitam pelos poemas do livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo, deixando emergir as vozes que desbravam os caminhos abertos pelas mulheres negras que souberam inscrever na saga de sofrimento e desespero as expressões de um corpo que resiste e que consegue construir linhas de fuga que alteram o traçado geral de uma história de submissão e rejeição.

Essa proposta fica clara quando se lê, por exemplo, o poema “Eu mulher” (p. 18), que poderia ser considerado um poema-síntese dos sentidos buscados pela poética de Conceição Evaristo. Ao trazer para os versos referências explícitas aos traços identitários da mulher, sobretudo da mulher negra, o sentido dos versos consegue ultrapassar o cerco imposto pela escravização do corpo negro e pelas imposições do patriarcado, sobretudo às mulheres.

É importante observar que, no poema, detalhes do corpo feminino objetivados pela perversa lógica de exploração e violência, imposta pela sociedade escravocrata e patriarcal, são realçados. A voz poética feminina anuncia a força desse corpo, descrevendo-o na contramão de construções culturais e sociais. Ao referir-se ao corpo da mulher negra como força renovadora, o poema ressemantiza, intencionalmente, o termo “fêmea”, impondo um deslocamento aos sentidos a ele atribuídos pelo sistema escravocrata. A fertilidade da mulher não deixa de ser celebrada, mas o



que se ressalta são os sentidos reveladores de que ser fértil e ser mãe são atributos de uma potência significativa, capaz de romper com o aprisionamento do corpo da mulher à função reprodutiva. A visão transgressora do eu que fala no poema fica indicada, sobretudo, pela reversão de sentidos arraigados e pela indicação de que, no corpo da “fêmea-matriz”, reside a potência da “força-motriz” que traça o movimento, em “moto-contínuo”, do mundo.

Por essa estratégia, restauram-se, poeticamente, no ser mulher descrito pelo poema, feições identitárias que deslocam significados fixos impostos ao corpo feminino e, sobretudo, ao corpo da escravizada valorizado pelo sistema escravocrata como corpo produtor de outros escravizados. Na contramão dessa visão, os versos do poema aludem a elementos identificadores da potencialidade feminina, ressaltando outros significados possíveis. Assim, é possível inferir que as expressões “gota de leite” e “mancha vermelha”, ao se mostrarem como elementos pertinentes à descrição do corpo da mulher, também assumem sentidos transgressores, ao serem detalhados no campo semântico do prazer e do desejo.

Em movimentos de transgressão e deslocamento, as expressões passam a ressaltar elementos da subjetividade feminina que faz mover, em rota transgressora, as demandas da tradição, da submissão e da subjugação. Por esse processo, a voz que se anuncia no poema violenta, com sua fala, “os tímpanos do mundo” e desestabiliza a rede de sentidos produzidos pela visão de corpos femininos delineados pela prepotência do sistema escravocrata e do patriarcado.



Ao transgredir a submissão imposta aos corpos de mulheres negras que foram subjugadas pelas vigentes, fica ressaltada a possibilidade de as expressões “gota de leite” e “mancha vermelha” poderem funcionar como a assinatura de corpos significantes que se mostram na contra-ordem da subjugação e do silenciamento. Por esse processo, “leite” e “sangue mênstruo”, no poema, passam a indicar a capacidade de o corpo da mulher, da mulher negra em especial, reverter os sinais de identificação determinados pela cultura e pela tradição escravocrata. De forma contundente, o poema transforma a “gota de leite, que [me] “escorre entre os seios” e a “mancha de sangue”, que “me enfeita entre as pernas” em significantes de uma subjetividade feminina que se sabe transformadora do mundo pela própria capacidade de abrigar as capacidades desse corpo de abrigar o seu desejo e a sua potência.

Vê-se, portanto, que, nos poemas referidos, estão presentes vários dos elementos que configuram os sentidos do que Evaristo caracteriza como “escrevivência”. Pode-se dizer que, poeticamente, o termo expressa a intenção assumida pela escritora de olhar de forma afetuosa e sensível para si mesma, para os iguais a ela e para o acervo de memória de vidas negras que, desde a escravidão, procuram furar o cerco da exclusão, do preconceito e da estigmatização.

Em sua literatura, a escuta das vozes-mulheres permeia construções literárias nas quais estão referidas muitas experiências de dor e abandono, mas também muitas lutas enfrentadas no dia a dia por negros e negras, na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o gesto escritural da escritora abre-se a diferentes performances de escrita, permitindo que a



criatividade, em sua literatura, surja de motivos tirados de sua própria história, da história de seus antepassados, mas também das experiências vividas por negros e negros, ao longo da história.

Não por acaso a escritora, a ser interrogada sobre o seu fazer literário, revela, sem perder seu aprendizado de ternura, muitos dos cenários buscados por ela para construir a sua arte de “escrever vivências”. O trecho colocado como epígrafe do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2008 é um bom exemplo a ser citado:

O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia. (Evaristo, 2008, p. 7)

Referências

BAROSSO, Luana (Pó)éticas da escrevivência. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.51, p. 22-40, maio/ago.2017.

CICONELLO, Alexandre. Os corpos matáveis de uma sociedade. Entrevista. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, p. 22-40. Maio/ago.2017.

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/550860-os-corpos-mataveis-de-uma-sociedade-entrevista-especial-com-alexandre-ciconello> Acesso, agosto, 219.





REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008).

SCHWARCS, Lilia Moritz. Ser peça, ser coisa. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e SOUZA REIS, Letícia Vidor de. (Org.). *Negras Imagens*; ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 11-29.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

